

ENTRE MÁSCARAS E VERDADES: O CORDÃO DA MENTIRA COMO RESISTÊNCIA CULTURAL E POLÍTICA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Between Masks and Truths:
Cordão da Mentira as Cultural and Political Resistance in Contemporary Brazil

Aline Oliveira Morais¹

Flaviano Adolfo de Oliveira Santos²

RESUMO

O presente artigo analisa a trajetória do bloco carnavalesco paulistano Cordão da Mentira, surgido em 2012, como manifestação de resistência política e cultural frente à continuidade das violências de Estado no Brasil contemporâneo. A partir de uma abordagem interdisciplinar, que articula referências da filosofia (Bakhtin, Arendt, Benjamin, Foucault, Krenak), da história e da crítica social, investiga-se o carnaval como espaço de subversão e memória. O estudo adota metodologia qualitativa baseada em análise documental, registros audiovisuais e depoimentos de militantes e participantes. O Cordão da Mentira é examinado como um dispositivo performático que utiliza o riso, a paródia e a ironia para denunciar o autoritarismo, o racismo estrutural e o genocídio da população negra e periférica, além de levantar críticas ao capitalismo individualista e à necropolítica contemporânea. O artigo demonstra como o bloco transforma as ruas de São Paulo em palco de confronto simbólico, onde a alegria carnavalesca é instrumento de pedagogia insurgente e de enfrentamento das narrativas oficiais do Estado. A cada ano, o Cordão atualiza suas denúncias, relacionando o passado ditatorial à atual fragilidade democrática, e expandindo sua crítica a contextos globais, como o genocídio palestino e a destruição ambiental. Conclui-se que o Cordão é mais do que manifestação cultural: é um ensaio político-poético de rua, uma prática coletiva de memória e uma potente estratégia de resistência contra o esquecimento e a barbárie institucional.

Palavras-chave: Carnaval; Memória; Violência de Estado; Resistência Cultural; Cordão da Mentira.

ABSTRACT

This article analyzes the trajectory of Cordão da Mentira, a carnival group from São Paulo created in 2012, as a form of political and cultural resistance against the ongoing state violence in contemporary Brazil. Through an interdisciplinary approach drawing on philosophy (Bakhtin, Arendt, Benjamin, Foucault, Krenak), history, and social criticism, the study explores carnival as a space of subversion and memory. The methodology is qualitative, based on documentary analysis, audiovisual records, and testimonies from activists and participants. The Cordão da Mentira is examined as a performative device that employs laughter, parody, and irony to denounce authoritarianism, structural racism, and the genocide of Black and peripheral populations, while also critiquing capitalist individualism and necropolitics. The article shows how the group turns the streets of São Paulo into a symbolic battlefield, where carnival joy

¹ Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário Sant'Anna. Contato: alinemorais2012@gmail.com.

² Advogado Militante em Direitos Humanos, integrante da Comissão Permanente de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de São Paulo. Mestrando em Mudança Social e Participação Política (ProMuSPP) na EACH/USP. Contato: flaviano.santos@adv.oabsp.org.br

becomes a tool for insurgent pedagogy and resistance to official state narratives. Each year, the group updates its denunciations, connecting the dictatorial past to the present democratic fragility, and extending its critique to global contexts, such as the Palestinian genocide and environmental destruction. It concludes that the Cordão da Mentira is more than a cultural expression: it is a political-poetic street essay, a collective practice of memory, and a powerful strategy of resistance against oblivion and institutional barbarity.

Keywords: Carnival; Memory; State Violence; Cultural Resistance; Cordão da Mentir.

1. Introdução

Num país onde as verdades históricas são frequentemente varridas para debaixo do tapete da conveniência política, é no meio da festa que ressurge a crítica mais feroz. O Cordão da Mentira, bloco carnavalesco paulistano surgido em 2012, representa um exemplo notável de como a cultura popular pode deixar de ser apenas espetáculo e tornar-se trincheira. Utilizando a irreverência típica do carnaval para encarar traumas históricos e denunciar as violências cotidianas, o Cordão transforma a alegria em ato político, o riso em resistência.

Este artigo propõe uma breve análise da trajetória do Cordão da Mentira entre 2012 e 2025, destacando seu papel como movimento de crítica social e política. Partindo de uma abordagem interdisciplinar, articularemos conceitos filosóficos e sociais, como carnavalização (Bakhtin, 1999), memória histórica (Benjamin, 1987), violência e poder (Arendt, 1989; Foucault, 1979), e resistência cultural (Krenak, 2019). Além das bases teóricas, recorreremos a reportagens jornalísticas, registros audiovisuais e documentos de coletivos ativistas.

Nosso objetivo é demonstrar como o Cordão da Mentira transforma as ruas de São Paulo em palco de confrontos simbólicos, onde corpos mascarados desnudam estruturas autoritárias e denunciam a continuidade de práticas herdadas da ditadura militar brasileira. Em tempos de crises democráticas, massacres periféricos e apagamento histórico, o Cordão atua como um memorial vivo, um teatro político itinerante que não esquece — e que, ironicamente, canta para lembrar. Afinal, como cantam os foliões do Cordão: "a ditadura não acabou, só os alvos mudaram."³

2. O Carnaval como Espaço de Subversão e Memória

Desde seus primórdios, o carnaval foi mais do que folia: foi uma liberação simbólica das amarras sociais, um *mundo às avessas* onde reis viravam bobos e bobos assumiam o trono. Segundo o filósofo russo Mikhail Bakhtin, a carnavalização é uma forma de comunicação popular que subverte hierarquias, permitindo uma crítica social disfarçada de riso. Em *A cultura*

³ PONTE JORNALISMO. A ditadura não acabou: só os alvos mudaram em SP, Cordão da Mentira lembra 60 anos de golpe. *Ponte.org*, 2024. Disponível em: <https://ponte.org/a-ditadura-nao-acabou-so-os-alvos-mudaram-em-sp-cordao-da-mentira-lembra-60-anos-de-golpe/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

popular na Idade Média e no Renascimento (Bakhtin, 1999), ele afirma que o carnaval rompe com a ordem oficial e permite a emergência de vozes normalmente silenciadas.

No Brasil, essa tradição ganha contornos ainda mais profundos. O carnaval brasileiro carrega a herança de resistências culturais afro-indígenas, e muitas vezes funcionou como válvula de escape para críticas que não cabiam nos palácios, mas sobravam nas ladeiras. Se em Salvador os blocos afro como Ilê Aiyê e Olodum elevaram a negritude à realeza simbólica, em São Paulo, o Cordão da Mentira empunha a crítica política como estandarte — mascarado, mas direto.

A potência do carnaval está em sua ambiguidade: ao mesmo tempo em que diverte, incomoda. É nesse jogo entre riso e revolta que o Cordão da Mentira opera. Não à toa, os seus desfiles não acontecem no sambódromo — espaço hoje marcado por patrocínios e roteiros pré-definidos —, mas nas ruas brutas da cidade, onde a política pulsa em forma de batuque e cartazes. É na rua que a verdade samba.

2.1 Carnaval, memória e insubordinação

A escolha do carnaval como meio de crítica não é aleatória: ele é o rito do escracho, da memória encarnada e da desobediência estética. Como aponta o historiador Nicolau Sevcenko (Sevcenko, 2001), o carnaval carioca da Primeira República já trazia enredos com sátiras políticas, zombarias contra autoridades e denúncias disfarçadas de samba-enredo. Com o Cordão da Mentira, essa tradição volta à tona — agora com megafones, alegorias improvisadas e palavras de ordem coreografadas.

Walter Benjamin já nos alertava que lembrar não é ato passivo, mas uma intervenção política (Benjamin, 1987, p. 224). O carnaval do Cordão encarna essa máxima: reencena a história não para celebrá-la, mas para escancarar suas feridas ainda abertas. Em qualquer esquina que o bloco dobra é possível gritar *Onde estão os corpos dos desaparecidos?*, fazendo com tinta no rosto, mas com o coração na memória.

2.1 O riso como arma filosófica

Se o poder teme o riso, é porque ele desestabiliza a autoridade. Como aponta Bakhtin (Bakhtin, 1987, p.18-19), o riso carnavalesco é ambivalente, sendo regenerador e destrutivo ao mesmo tempo — um tipo de crítica que não se impõe pela força, mas pela ironia. Quando o Cordão desfila com faixas que parodiam slogans oficiais, ou canta refrões como *Verás que tudo é mentira*, ele ativa esse riso desconstrutor que desmoraliza o autoritarismo.

Essa estratégia conecta-se com as ideias de Michel de Certeau (Certeau, 1994), para quem a cultura popular se apropria dos espaços e discursos do poder para criar novas narrativas. O Cordão da Mentira ocupa as ruas e ressignifica os símbolos: a farda vira fantasia, a placa vira protesto, o batuque vira manifesto.

3. O Cordão da Mentira: Criação e Contexto.

3.1 Ensaiar a Memória: e se você encontrasse o seu torturador em uma roda de samba?

E se você encontrasse seu torturador em uma roda de samba? Essa pergunta, que parece absurda — quase ficção —, não é hipótese, metáfora ou exercício do imaginário. É fato. É memória encarnada. É testemunho que dança entre o insuportável e o real.⁴ Aconteceu. E essa história inspirou a criação do Cordão da Mentira.

Esse encontro, entre o algoz e a sobrevivente, entre o carrasco e a memória viva, não se deu nos tribunais — onde talvez fosse esperado. Tampouco nos arquivos do Estado ou nas páginas oficiais da história. O encontro aconteceu na rua, sob o céu aberto, ao som do samba — esse ritmo que sempre esteve entre a celebração e a resistência. Ele, o torturador, sambava. Era apenas mais um homem no meio da multidão. Um senhor comum, envelhecido, em paz com o tempo. Mas para quem passou pelas mãos dele, não há samba que oculte o passado. O corpo sabe. A memória reconhece. É preciso dizer: esse encontro não é apenas pessoal — ele é histórico, simbólico, coletivo. Ele escancara o pacto de silêncio e impunidade que marca a transição democrática brasileira. Porque o Brasil nunca julgou seus torturadores. Nunca nomeou plenamente seus crimes. Preferiu o mito da conciliação ao enfrentamento da verdade. E por isso, eles sambam. Sambam livres. Sambam sob a proteção da amnésia oficial. Sambam como se não tivessem sujado as mãos de sangue, como se não houvesse corpos desaparecidos, mulheres violentadas, jovens assassinados.

O Cordão da Mentira nasce exatamente desse gesto: de recusar o esquecimento mascarado de alegria. Mais que isso, nasce sob o caos de uma história absurda, porém real. Que somente com coragem e usando da melhor arma (ironia) poderia provocar e incomodar a memória daquele sambista miliciano e de quem mais ali sambava com ele, avistado em uma noite do conhecido *Samba da Vela* em São Paulo, que ao som do pandeiro e do violão que se sobressaíam as memórias esvoaçadas da repressão, outrora vividas nestes mesmos encontros.

Afinal, o que significa encontrar o próprio torturador num espaço de celebração popular? Significa que a história segue aberta. Que a ferida nunca foi curada — apenas coberta. Significa

⁴ Tivemos a sorte de poder fazer um bate papo com **Thiago Mendonça**, um dos fundadores do Cordão da Mentira, que nos contou essa história, que poderia ser uma ficção, mas foi a vida pregando uma das suas inóspitas peças em alguém.

que o corpo da vítima carrega a verdade que o Estado preferiu negar. Mas também significa outra coisa: Que estamos vivos. Que resistimos. Que há algo de profundamente revolucionário em ocupar o mesmo espaço que nos foi negado, e fazê-lo sem abaixar os olhos⁵.

3.2 “Quando vai acabar a ditadura militar?”⁶

Em 2012, o Brasil vivia um aparente momento de estabilidade democrática. A economia crescia, e o país era celebrado internacionalmente como potência emergente. No entanto, sob a superfície da prosperidade, fermentava uma disputa crucial: a batalha pela memória. A instalação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), naquele mesmo ano, trouxe à tona denúncias de tortura, desaparecimentos forçados e violações sistemáticas de direitos humanos durante a ditadura civil-militar (1964–1985). Era um momento oportuno — e necessário — para lembrar que o passado ainda doía.

Foi nesse contexto que, após longa gestação enfim desabrocha o Cordão da Mentira, com o provocador lema: *Quando vai acabar a ditadura civil-militar?*

O nome do bloco já é uma ironia refinada: em vez de celebrar a memória, propõe um cortejo de mentiras expostas — mentiras que sustentam a impunidade dos torturadores, a continuidade das práticas repressivas e o mito de uma transição pacífica. O Cordão nasceu do encontro entre artistas, ativistas, educadores e coletivos de direitos humanos, como a Escola de Ativismo e o grupo Levante Popular da Juventude, inspirado por escrachos que ironizavam a presença de agentes da repressão ainda ativos na sociedade civil.

O primeiro desfile partiu do Memorial da Resistência (antigo DOPS-SP⁷) e atravessou o centro de São Paulo em marcha performática. Não havia carro alegórico: os corpos eram os suportes da memória. Os cânticos zombavam da farsa democrática; as faixas denunciavam o silêncio conivente das instituições; os figurinos faziam paródias dos generais, dos juízes e dos ‘capitães do mato’ da nova república.

O Cordão propõe uma política da memória que não se presta à nostalgia, mas à insurgência. Para o filósofo alemão, o tempo histórico não é linear, mas pleno de rupturas e repetições perigosas. “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um

⁵ A narrativa melhor detalhada do encontro entre a ex-presa militante torturada e seu torturador pode ser conferida na reportagem do jornalista Gustavo Assano, publicada na *Escola de Ativismo*, 1º abr. 2022. Disponível em: <https://escoladeativismo.org.br/do-regime-militar-a-democracia-das-chacinas-e-preciso-dizer-a-verdade-no-dia-da-mentira/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

⁶ Tema do desfile do ano de 2012.

⁷ Muito simbólico, pois lembram-se da história da ex-presa torturada e seu torturador? O Torturador era conhecido pela alcunha de “Pachequinho”, sendo ex-agente do DOPS e com fortes ligações ao Delegado Sérgio Fleury Paranhos – talvez o mais conhecido torturador da ditadura militar.

perigo” (Benjamin, 1987, p. 224). O Cordão da Mentira encarna essa ideia ao reconvocar os fantasmas da repressão em meio à festa. Não há anacronismo: há urgência. Afinal, enquanto torturadores morriam sem julgamento, e jovens negros continuavam morrendo sob balas da polícia, a pergunta do segue ecoando: A ditadura acabou para quem?

A estética do escracho — forma de protesto performático baseada na sátira — foi um dos elementos-chave do primeiro desfile.

4. Da Ditadura às Periferias: Violência Estatal e Racismo Estrutural (2013–2023)

Quem morreu na ditadura? E quem continua morrendo hoje? — essa pergunta, estampada em uma das faixas do Cordão da Mentira durante o desfile de 2017, sintetiza o eixo central de sua crítica entre 2013 e 2023: a continuidade histórica da violência estatal contra corpos negros, pobres e periféricos.

Após as Jornadas de junho de 2013, em que milhões foram às ruas por transporte, saúde, educação e — sem saber — por dignidade, o Brasil assistiu a uma escalada repressiva. A resposta do Estado foi clara: gás lacrimogêneo, cassetete e bala de borracha. Em São Paulo, onde o Cordão se concentra, a periferia já conhecia essa “política de segurança” muito antes de os brancos de classe média a experimentarem no centro.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), 83% das pessoas mortas pela polícia no Brasil em 2022 eram negras⁸. A maioria vivia em regiões periféricas, como Capão Redondo, Brasilândia e Cidade Tiradentes — bairros frequentemente citados e homenageados nos desfiles do Cordão. O que o bloco faz, com batuque e escracho, é nomear esse genocídio democrático: denunciar que a repressão militarizada sobrevive, agora com roupa de policial, farda de GCM, e selo *democrático*.

4.1 A violência como reflexo da fragilidade do poder

A filósofa Hannah Arendt, em *Sobre a violência* (Arendt, 1989, p. 54), nos ensina que o poder legítimo não precisa da força. Quando ela é usada sistematicamente, é sinal de que o poder está ruindo. Essa lógica se aplica perfeitamente à ação do Estado brasileiro nas periferias: a violência policial revela não uma ordem estável, mas uma crise crônica de legitimidade. O Cordão da Mentira instrumentaliza essa filosofia nos seus enredos.

⁸ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023*. p. 66, São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

Para Michel Foucault, o poder moderno se manifesta sobretudo na gestão dos corpos — e é nas periferias que essa gestão se revela mais brutal. Em *Microfísica do poder* — especialmente no *Capítulo IX – Poder/Corpo* — (Foucault, 1979, p.189-196), ele mostra como o Estado disciplina os corpos por meio da vigilância, do policiamento e da punição seletiva. É isso que o Cordão escancara: os corpos que sambam na rua são os mesmos que caem nas vielas. As alegorias do Cordão expõem a continuidade entre o DOI-CODI e o batalhão de choque, entre o pau de arara e o camburão.

Segundo levantamento da Ponte Jornalismo (2022), enquanto os índices de criminalidade geral caíam durante a pandemia, as mortes causadas por policiais seguiram abusivas em São Paulo — principalmente nas regiões mais pobres⁹. No período da pandemia, o Cordão se expressou de forma virtual, seu norte era a violência do Estado, gritando que *A Democracia dos Massacres e o Massacre da Democracia*, a resistência se adaptava, mas não calava.

5. Democracia em Frangalhos: Cordão em Tempos de Golpe (2024)

A democracia brasileira, que nunca foi uma senhora muito estável, tropeçou de vez em 8 de janeiro de 2023. No ataque golpista aos Três Poderes, organizado por apoiadores da extrema direita, o país testemunhou não só a invasão de prédios, mas a exposição nua e crua da fragilidade institucional. O episódio foi imediatamente comparado à invasão do Capitólio nos EUA, mas com um detalhe tropical e sombrio: o Brasil tem uma tradição autoritária muito mais longa e mais recente — e muito menos resolvida.

Em 2024, o Cordão da Mentira escolheu como tema o grito que ecoava de dentro das vielas, dos presídios, dos movimentos populares e das páginas de jornais não-hegemônicos: *De Golpe em Golpe: Tá lá um corpo estendido no chão*. O tema sintetiza a ideia de que os corpos assassinados pelo Estado — nas periferias, nas prisões, nas favelas — são as primeiras vítimas de qualquer projeto autoritário. O golpe, afinal, não começa no Congresso. Começa no morro, na calçada, no beco onde o “suspeito” não tem nome nem sobrenome.

O desfile aconteceu na Rua Maria Antônia, local simbólico da resistência estudantil em 1968, quando estudantes da USP e do Mackenzie entraram em confronto durante a ditadura militar. Marchar ali em 2024 era mais do que homenagem — era aviso. O Cordão usou o espaço para encenar uma aula pública de democracia com um claro recado: Ditadura nunca mais!

Ao escolher o riso como linguagem, o Cordão da Mentira se afasta das respostas fáceis. Ele não oferece soluções — oferece desconforto. O humor, aqui, é lúcido. Como já dizia o

⁹ PONTE JORNALISMO. Com Doria, violência policial em SP foi a menor em nove anos. *Ponte.org*, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://ponte.org/com-doria-violencia-policial-em-sp-foi-a-menor-em-nove-anos/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

cartunista Henfil “o verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime” É esse espírito que rege o Cordão em 2024: zombar para não normalizar, satirizar para denunciar. O filósofo Walter Benjamin já alertava sobre os perigos da repetição histórica: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (Benjamin, 1987, p. 225). O Cordão da Mentira não permite que separemos essas dimensões. Ele as junta — com marchinha, manifesto e megafone.

6. Ecologia, Existência e Resistência: O Grito Global do Cordão (2025)

Se o Cordão da Mentira começou questionando a ditadura brasileira, em 2025 ele atravessou fronteiras e continentes. O tema do ano foi *Desfile para Adiar o Fim do Mundo*, inspirado diretamente no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), de Ailton Krenak — liderança indígena, pensador e ativista que propõe uma crítica radical ao modelo de civilização ocidental baseada no extrativismo, no individualismo e na negação da pluralidade de mundos possíveis.

Nesse ano, o Cordão assumiu uma proposta de solidariedade internacionalista, conectando lutas ambientais, anticoloniais e antirracistas. O desfile partiu do Pátio do Colégio com cartazes representando diferentes povos em luta: indígenas, negros das favelas brasileiras, palestinos de Gaza e ativistas ambientais do sul global.

Segundo Krenak (Krenak, 2019), o *fim do mundo* já começou para muitos povos: não se trata de uma distopia futura, mas de uma realidade concreta, imposta por séculos de colonização, genocídio e exploração. O Cordão da Mentira fez dessa constatação um grito coletivo. No nosso olhar, o Cordão não é só sobre política institucional, mas sim sobre sobrevivência. É sobre lembrar que tem gente morrendo para manter esse sistema que se diz civilizado.

Com esse desfile, o Cordão da Mentira mostra que o carnaval é uma linguagem capaz de articular resistências locais e globais. Que dançar também é defender mundos — e que, em tempos de destruição, o riso pode ser o último ato de esperança.

Em 2025, a solidariedade cruzou oceanos. A crítica ao genocídio palestino se inseriu no desfile sem cair em qualquer estranheza: foi incorporada como extensão da crítica ao racismo estrutural, à militarização dos territórios e à necropolítica praticada por Estados autoritários. O Cordão denunciou a lógica de extermínio seletivo: quem vive, quem morre, quem lucra e quem samba sobre os escombros. Essa visão integrada conecta-se à ideia de que é necessário resgatar a capacidade de sonhar juntos, de compartilhar sonhos e desejos coletivos, capazes de transformar a realidade, com bem ensina Krenak. O Cordão, então, propôs um sonho coletivo,

colorido, ruidoso e político, onde a festa não esconde o caos — mas o enfrenta com tambor, ironia e poesia.

6.1 Capitalismo: a inanição do coletivo

Se o *Cordão da Mentira* canta para lembrar, ele também ecoa uma advertência mais profunda: a de que o capitalismo não apenas explora corpos e terras, mas seca o solo fértil da coletividade. Ele simula liberdade individual, mas sufoca o comum. Estimula um narcisismo de sobrevivência, onde cada indivíduo se crê único e autossuficiente — quando, na verdade, está cada vez mais isolado, fragmentado, vulnerável.

Assim, confusos em suas subjetividades infladas, nos tornamos sujeitos repletos de pequenas verdades — mas esvaziados de humanidade. O sistema nos treina para sermos autônomos, mas não solidários; informados, mas não conscientes; conectados, mas não presentes. Contra esse deserto de afetos e sentidos, o Cordão propõe um outro gesto: a dança em roda. A marcha conjunta. O batuque compartilhado. Porque só quando voltarmos a sonhar juntos, como nos lembrou Krenak, será possível adiar o fim do mundo — e talvez, reinventá-lo.

7. Conclusão: O Humor como Ferramenta de Desconstrução e Reflexão.

O riso nos salva da loucura, sendo a tática política do Cordão da Mentira. Ao longo de sua trajetória, o bloco transformou o carnaval em um laboratório de crítica social embalada por paródia, sarcasmo e irreverência. Mas o humor aqui não é anestésico — é agulha. Não ameniza — provoca. E mais importante: desmascara.

No Cordão, o humor funciona como uma pedagogia da indignação. A graça não está em escapar da realidade, mas em configurá-la com lentes que embaralham e expõem as contradições. Como nos ensinou Mikhail Bakhtin, o riso carnavalesco é ambíguo, regenerador e destrutivo. Ele não respeita hierarquias, nem mesmo as do bom gosto. É o riso da plebe, o riso do subalterno — o riso que explode quando o medo se converte em festa.

O repertório humorístico do Cordão é vasto. Seus cartazes muitas vezes satirizam figuras públicas e as marchinhas têm letras que fariam corar certos manuais de etiqueta cívica. Canções do Cordão não apenas divertem, mas educam. A linguagem simples e o duplo sentido operam como tradução de conceitos complexos — como reforma trabalhista, necropolítica, especulação imobiliária — para um vocabulário que cabe no surdo e no megafone.

O riso também tem lugar na filosofia. Desde Platão até os dias de hoje, o humor foi considerado perigoso — e por isso mesmo, politicamente potente. Em *O nome da rosa*, Umberto Eco (Eco, 2001) nos lembra que monges queimavam livros que ensinavam a rir, pois sabiam que

o riso desestabiliza dogmas. Para o Cordão, rir não é fuga: é afronta. No Cordão, o riso desarma e rearma com consciência. A pedagogia do riso, no Cordão, é uma forma de sustentar a memória enquanto o mundo desaba em volta.

O *Cordão da Mentira* não é apenas um bloco de carnaval: é um ensaio filosófico em movimento, um manuscrito coletivo de rua que escreve com batuques e risos as margens da história oficial. Ao longo de sua trajetória, o Cordão reinventou a própria noção de protesto, substituindo as pedras por pandeiros, os discursos por refrões, os palanques por calçadas. Mas sua crítica nunca foi menor por ser bem-humorada. Pelo contrário: foi mais afiada justamente porque dançava.

O Cordão a cada ano é propulsor de uma crítica profunda à modernidade excludente e ao capitalismo predatório — mas o faz com *glitter* e tamborim, apostando no poder político da festa, no corpo coletivo e na linguagem do afeto.

Ao unir denúncias locais — como o genocídio da juventude negra e o apagamento da história — a lutas globais — como o racismo ambiental, o colonialismo e a necropolítica —, o Cordão da Mentira oferece um modelo contemporâneo de resistência cultural. Um modelo que não se limita à pauta identitária, mas a expande para a construção de um comum radical, onde dançar é sobreviver, e rir é lutar. Mais do que um bloco, o Cordão é um dispositivo de memória e imaginação política. Um lembrete de que a democracia precisa descer do palanque e sambar com o povo. E de que, enquanto houver batuque, não haverá silêncio.

Dedicamos este trabalho a vocês, que caminham nas vielas, ocupam as praças e desafiam a farda com a força do canto, do cartaz e do afeto insurgente — nosso mais profundo respeito. Enquanto houver quem lembre, quem lute e quem sonhe, nenhum corpo será apagado da história. Aos que transformam o luto em luta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 3ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORDÃO DA MENTIRA. Cordão da Mentira. [S.l.]: [s.n.], [2012?]. Disponível em: <https://cordaodamentira.milharal.org/>. Acesso em: 18 abr. 2025 COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório Final*. Brasília, DF: CNV, 2014.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. São Paulo: Record, 2001.

ESCOLA DE ATIVISMO. *Bloco Cordão da Mentira desafia a ditadura da amnésia*. 2012. Disponível em: <https://escoladeativismo.org.br>. Acesso em: 18 abr. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023*. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 18 abr. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N – 1 Edições, 2018.

PONTE JORNALISMO. *Com Doria, letalidade policial é a menor em nove anos, mas segue abusiva*. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://ponte.org>. Acesso em: 18 abr. 2025.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N - 1 Edições, 2017.

SALOMÃO, Waly. *Algaravias: câmara de ecos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *A história da vida privada no Brasil: República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TIBURI, Márcia. *Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da verdade e o massacre da política*. Rio de Janeiro: Record, 2017.